

# A BOLA E O VERBO

O FUTEBOL NA CRÔNICA BRASILEIRA

RODRIGO VIANA



*A BOLA E O VERBO*  
*O futebol na crônica brasileira*  
Copyright © 2013 by Rodrigo Viana  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Editora assistente: **Salete Del Guerra**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**  
Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3873-7085  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

Prefácio	9
Apresentação	11
Algumas palavras de aquecimento	13
Primeiro convocado: o futebol	16
Organização tática	17
<b>1</b> Começa o jogo...	19
Finta brasileira	21
Mário de Andrade: um craque	22
A imprensa veste a camisa	25
Chegando aqui...	26
Algumas palavras sobre romances e folhetins	28
Lima Barreto: um jogador rebelde	29
Jogadas diferentes: a quebra da monotonia	32
<b>2</b> A linha de três zagueiros: literatura, imprensa e futebol	35
Os donos da bola e a bola	36
As primeiras notícias	36
Quem não tem bola arranja uma	38
A tabelinha entre a crônica de futebol e a literatura	39
Os craques do passado: origens ancestrais do futebol	42
Os craques do presente	43
O estilo de jogo	48
Uma bela dupla de atacantes: Mário Filho e João Saldanha	50
Jornais, revistas e coletâneas	53

<b>3</b>	Golaço: o hibridismo da crônica e o relicário da memória	55
	Poetizando	56
	A simpatia do futebol da Ferroviária de Araraquara	57
	Jogando com a bola nos pés: a habilidade de Armando Nogueira	62
	Algumas palavras de apito final	67
	Referências bibliográficas	73

# Prefácio

*Juca Kfourri*

Não entrarei na velha discussão se crônica é ou não literatura ou, ainda, se é um gênero menor de literatura.

Há quem seja muito mais autorizado a discorrer sobre a questão, como tão bem demonstra o autor Rodrigo Viana neste bem sacado e agradável *A bola e o verbo*.

Entre o que dizem os mestres Carlos Heitor Cony e Mário de Andrade, fico com ambos, além de acrescentar Machado de Assis, sob o risco da heresia ao divergir de outro grande, Antônio Candido.

Mas quem sou eu para ir mais fundo?

Sei que cronista não sou, por falta de talento, razão pela qual acho graça ao me ver sócio da Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo, um clube repleto apenas de jornalistas e de poucos, pouquíssimos, cronistas de verdade.

Limito-me a registrar que se Paulo Mendes Campos e Lourenço Diaféria, para citar apenas dois gênios, são mestres de uma arte menor, que inveja sinto de não ter um mínimo da pequenez de ambos.

Fato é que Viana nos embala num jogo formidável para, aqui e ali e ali e aqui novamente, provar por  $a + b$  como é delicioso ler e reler verdadeiros passes, dribles e gols dos melhores jornalistas/escritores/cronistas – numa palavra, autores que se dedicaram a tratar a bola com o carinho que a última flor inculta e bela merece.

Impossível fugir do trocadilho digno de Antero Greco, um dos bem citados por Viana, porque a bola é bela e o gol de letra um desafio permanente, do qual o autor se desincumbe com brilho para fazer jus até à placa um dia inventada por Joelmir Betting.

Que era mesmo o quê? Um cronista econômico?

Econômico como, se ele se esparramava em imagens sem fim e sentidos figurados numa inflação interminável de palavras, apesar de não cometer nenhuma infração?

Ora, bolas, que sei eu?

Viana explicará.

Jogue este jogo sem temor do que vem a seguir.

# Apresentação

*Ignácio de Loyola Brandão*

Rodrigo veio de uma terra que já respirou muito futebol de qualidade. Certa época, o futebol estava na atmosfera, torcíamos pela Ferroviária, víamos jogos com os grandes times de São Paulo. São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Santos e outros que chegavam para o que se chamava clássicos do interior. O estádio lotava. Os cronistas esportivos iam até lá ver e transmitir jogos, havia orgulho no ar. Certamente aqueles anos devem ter chegado até Rodrigo de alguma maneira, porque a memória deles ainda flutua, passa de pai para filho, e assim por diante. A cidade que deu boleiros como Dudu, Bazani, Rosan, Peixinho, Dirceu e outros mais (mesmo não tendo ali nascido, se fizeram ali), locutores como Ennio Rodrigues e Wilson de Freitas, também produziu Marco Antonio Rodrigues, hoje Globo, e Rodrigo Viana. Por isso atravessei com prazer este livro. Porque os livros de qualidade sobre futebol são raros. Ou clichês. Rodrigo foge do lugar-comum e nos traz o clima de um mundo que, parecendo ser tão familiar, ao dar a sensação que está em nosso quintal, ainda conserva segredos e mistérios, que não se desvendam assim. Não é mais um livro sobre futebol, é um bom livro, que atravessei de ponta a ponta em algumas horas. Quanto mais simples é a escrita, mais difícil ela é na sua feitura. A simplicidade exige disciplina, talento, aplicação. E essa simplicidade aparente está aqui para decifrar uma coisa que, como disse, parece simples, no entanto é complexa, o mundo do futebol.

Bem-vindo ao mundo do futebol literatura, Rodrigo Viana.

## Algumas palavras de aquecimento

A crônica só é gênero menor em termos de literatura. Admite-se como inabalável a certeza de que a literatura tende a ser perene, intemporal. Não faltam teóricos para garantir que a arte, nela incluindo a arte literária, existe para superar a morte. E, se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta. (Cony, 1998)

A citação do escritor e jornalista Carlos Heitor Cony defende a ideia de que a crônica é um gênero literário e, portanto, faz parte da literatura, ainda que “literatura menor”.

O assunto, no entanto, não constitui ponto pacífico entre os críticos literários. A discussão não é nova. Ao contrário, estende-se desde o período colonial. Na transição Colônia-Império e, principalmente, em fins do século XIX até meados do século XX, os escritores e os críticos literários não a consideravam um gênero. Somente após o modernismo (1922) o olhar da crítica passou a ser mais cuidadoso em relação à crônica.

Ao mesmo tempo, começou-se a desenvolver uma corrente de pensamento que considerava a crônica um gênero tipicamente brasileiro. Para Antonio Candido (1992, p. 15), “[...] se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Uma ilustração dessa visão “abrasileirada” da crônica pode ser recortada de um interessante acontecimento literário ocorrido em meio ao movimento modernista. Mário de Andrade escreve uma carta destinada ao contemporâneo e também escritor Fernando Sabino, deixando transparecer, em seu discurso, a importância dos gêneros “crônica” e “conto” e, paradoxalmente, a falta de interesse da discussão sobre gêneros literários. Vejamos um trecho dessa carta:

Não se amole de dizerem que os seus contos não são contos, são crônicas etc. Isso tudo é latrinário, não tem a menor importância em arte. Discutir “gêneros literários” é tema de retoriquite besta. Todos os gêneros sempre e fatalmente se entrosam, não há limites entre eles. O que importa é a validade do assunto na sua própria forma. (Andrade, 1982, p. 23)

Já situando a crônica como um “gênero híbrido” da literatura – uma de suas características mais relevantes, como veremos ao longo do caminho –, o “tom” irônico de Mário de Andrade serve para que ele se posicione sobre o assunto: claramente, a sua predileção é pela tese de que a crônica, naquele momento, já se constituía num gênero literário.

Contudo, nem mesmo o Modernismo e a palavra de credibilidade de escritores como Mário de Andrade fizeram que outros intelectuais mudassem de ideia sobre o assunto. Os críticos que não consideravam a crônica gênero literário afirmavam que ela nascera como folhetim, junto com os jornais, sendo publicada num dia e apagada no outro. Sublinhavam também a questão do envelhecimento do texto pela ação do tempo sobre os acontecimentos, as personalidades e os modos de vida do período abrangido.

Entretanto, o volume de publicação de crônicas em jornais em meados do século XX e a sedimentação da imprensa cresciam de tal maneira no Brasil que era impossível não notar sua importância. Os maiores escritores brasileiros compunham crônicas – mais notadamente Machado de Assis, que iniciou sua carreira literária publicando textos semanais na seção “A Semana”, do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

Desse modo é que vai ocorrendo a sedimentação do conceito da crônica como gênero literário e também jornalístico. Aos poucos, outros grandes nomes da literatura brasileira se apropriaram

1. Um fato interessante sobre esse “batismo literário” de Machado de Assis é que essa atividade lhe rendeu o pseudônimo de “Dr. Semana”, porque outros escritores, aproveitando-se da liberdade proporcionada pelo anonimato que o pseudônimo lhes oferece, também assinavam os textos da coluna de Machado no *Jornal do Commercio*. Entre esses “anônimos”, podemos citar Pedro Luís, Varejão Félix Martins e Quintino Bocaiúva.

do binômio crônica/jornalismo: Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Lourenço Diaféria, Fernando Sabino, João Saldanha, Carlos Heitor Cony e Armando Nogueira, entre outros. E é nesse momento, com a apropriação do gênero pelos escritores, que toma força a ideia de que é justamente o relato, ou a maneira de relatar o “acontecido”, que confere à crônica um espaço, ainda que diminuto, na literatura.

A inspiração e os assuntos das crônicas – que vinham de fatos políticos, sociais, históricos, esportivos e culturais – faziam que o cronista adquirisse um olhar às vezes crítico, às vezes humorístico, às vezes puramente artístico e inovasse na confecção dos textos, conferindo-lhes uma nova roupagem, capaz de quebrar a rotina monótona do dia a dia. Portanto, o mero argumento de que, assim como a notícia de jornal, a crônica, por similaridade, teria apenas a função de noticiar os acontecimentos, simplificaria muito o debate. Pior: o empobreceria.

De fato, a crônica tem a nobre função de “transmitir” a notícia e os acontecimentos ao leitor/receptor. Nela, a notícia ganha vida própria quando absorve elementos das mais diversas fontes da literatura. Por isso a crônica é um dos gêneros mais híbridos da literatura, como preconizou Mário de Andrade. Ela se utiliza de elementos do conto, da poesia e também de outras formas narrativas, como a novela, o teatro, o drama e o romance; a crônica incorpora até outras linguagens, como aquelas presentes no cinema, e experimenta-se em outros meios audiovisuais, como a internet.

A dialética inicial que contrapunha crônica à literatura, no seio do surgimento da imprensa no país, dilui-se com o tempo. Para Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 138), “o jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes um aproveitamento direcionado a outro fim”. Ou seja, não se trata mais apenas de transmitir a notícia, mas de “como” e do que se provoca no leitor com o tom literário da transmissão. Trata-se, então, de literatura.